

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, JULHO/2001- ANO V - Nº 54

EDITORIAL

Surgida de povoamento à margem de caminhos, Piquete teve sua origem nas rotas de muares nas demandas de idas e voltas das conduções humanas comandadas pelo ouro e o abastecimento.

As trilhas tropeiras, interligando os mercados interno e externo, agiram mais do que os dispositivos reais no comando da organização do espaço. Criaram um sistema integrativo no Vale do Paraíba. Geraram os domínios compreendidos por três estados e uma fachada litorânea. Marcaram uma saga e uma legenda de conquistas e estabelecimentos.

Piquete, nessa trama, é um pé-de-serra derivante de encostas íngremes a suscitar coragem e a semear vontades. Foi espaço disputado nas fronteiras.

A herança social, política e econômica traçada no nomadismo de longas caminhadas, nesta região de passagem, deixou marcas, cujos valores próprios ainda não estão totalmente arraigados, pois dinâmico é o ato criativo de ação comandada e signatária de uma profissão desafiante. As marcas estão diluídas na paisagem.

Substantivados nos tropeiros, os núcleos derivantes de pousos expandiram-se em habitat linear. Reviver essa saga é, para os piquetenses, uma forma importante de cultivar uma virtude política: a de reconhecer um senso de justiça e o direito à vida na comunidade civilizada. Daí termos nosso olhar voltado para uma tradição que nos coloca, nas tensões da vida moderna, entre os que buscam, na cultura, sua autenticidade e o reconhecimento dos direitos. É importante, por exemplo, recorrer aos usos e costumes, ao linguajar, à culinária, às narrativas e ao ruralismo de origem nos meios rústicos, para nos reconhecermos como frutos dessa rica formulação de convivência com o meio natural. Desse conhecimento viceja a virtude em nos identificarmos como cidadãos e com direitos à cidadania. Na mitologia grega, Cronos, o símbolo do tempo, tenta anular algumas páginas do grande livro da vida, que Clio, a musa da História, faz reter evitando o esquecimento. Historiar é iluminar essa referência reveladora.



A tração animal ainda é muito utilizada no dia-a-dia da zona rural de Piquete. Na foto, uma “junta de bois” e arador durante a lavragem da terra. Foto de 1998.

A nossa cultura

Depois da cheia, pastora iluminada de campos, pastos e cristas serranas, vem a nova. Tempo de poda, diz meu velho amigo, podador por quarenta anos dos marmeleiros de Marmelópolis. Sábia observação acumulada de séculos.

Tempos de seca. Chuvas necessárias desejadas, a cuja falta são atribuídas as dificuldades da insuficiência do fornecimento de energia elétrica de origem hidráulica. E num país de tantos rios, mananciais, matas, fontes e costa marítima extensa. Mas, em tudo há degradação. E São Pedro leva a culpa das inclemências do clima. Até os consultores do FMI repetem o bordão brasileiro de que quem comanda as chuvas é o “porteiro do céu”. Professor Albert Finslow não foge à regra.

O conhecimento das fases da lua em trajetória mensal ao redor da Terra sinaliza as técnicas produtivas. Plantar, colher, podar – eis o ciclo produtivo acompanhante do lunar. Do arranjo do céu de estrelas resultam as tendências reconhecidas, e não só pelos humanos. Os animais são anunciadores. Necessário saber lê-los. Não são precisos relógios, nem calendários. Estes somente interessam aos capitalistas, isto é, aos buscadores de lucros. Bastam os ensinamentos milenares transmitidos oralmente por gerações. Os pais ensinam aos filhos. Os animais transmitem em códigos e os vegetais, em seqüências de tempo a que chamamos estações. Do cabedal de conhecimentos

acumulados na busca pela sobrevivência regula-se a vida. Estamos falando de cultura, ou seja, da somatória dos bens de conhecimento transmitidos informalmente. Daí nasceram os mitos que, depois, instrumentalizados, tornaram-se científicos e fontes livrescas. Da observância dos ritmos, dos ciclos e da cronologia astral referenciada nos humanos criaram-se os calendários, originalmente míticos, depois reguladores das obras. Mitificadas, as formas originaram religiões, criaram a fé e normatizaram os compromissos. Assim, os livros sagrados balizam todas as ações. Nenhum deles fugiu à observância das bases culturais dos povos. Os dias festivos são as homenagens reforçadoras, emblemáticas nos acontecimentos e nos protagonistas. Fazemos parte de uma representação autenticada como registro.

Como povo, preservamos a cultura. Somos testemunhas. Por isso, registramos a partir das formas orais para as escritas, em fontes documentadas. Estas são erigidas como monumentos não menos perenizantes que os de pedra, cal, mármore, aço, ferro, bronzes e demais materiais transformados pelos humanos em obras de arte. São estátuas, igrejas, museus, prédios públicos e todas as obras consagradas pelos cidadãos como heranças vivas, símbolos de uma cultura e identidades de um povo.

E nas noites plenas de magias, ao sabor da esperança, ou na tradição das festas, vivifica-se o discurso da memória.

Imagem - Memória



Em frente ao antigo salão da Corporação Musical Piquetense, na Rua São Miguel, o Cônego Hiran (ao centro) e convidados, quando da homenagem do povo católico de Piquete pela sua elevação ao canoninato.

Homenagem ao Cônego Hiran

O povo católico de Piquete prestou significativa homenagem ao Cônego Hiran, pela sua elevação ao canoninato, no dia 25 de janeiro de 1959. As reverências paroquiais iniciaram-se logo às 6h 30min, com missa e comunhão geral de todos os Sodalícios Paroquiais. Às 8h missa na Igreja de São José. Às 10h, missa cantada, com pregação sobre as Vocações Sacerdotais. À noite, às 19h30min, solene Te-Deum.

No salão da antiga Corporação Musical Piquetense foi oferecido ao Cônego Hiran um grande banquete, no qual tomaram parte autoridades civis, militares, religiosas e inúmeros de seus admiradores. Usaram da palavra o Sr. Cap. Canguçu, o Ver. Prof. Pedro Mazza, representando o Sr. Prefeito, o Ver. Prof. José Carlos Ribeiro da Silva, Presidente da Câmara Municipal, o Sr. Michel Gosn, Redator-Chefe do "O Regente", o Sr. José Alves Beraldo, um dos fundadores da Congregação Mariana local e o Padre Leite, que falou em nome dos paroquianos de Lorena. Finalmente, em

brilhante improviso, falou o homenageado.

O banquete foi acompanhado por músicas suaves pelo conjunto do Sr. Sebastião Azevedo e a participação do Mestre Viana e sua clarineta. O serviço esteve a cargo do Sr. Carlos Vieira Soares e da Srta. Maria de Lourdes Ferreira.

À noite, ainda no salão da Corporação Musical, foi realizada imponente sessão solene, com a presença de trezentas e cinquenta pessoas, aproximadamente. Integraram a Mesa os Senhores Professor José Carlos Ribeiro da Silva, Miguel Purcino Ferreira, José Isaltino da Luz, Clodoaldo França, José Alves Beraldo e Professor Mário Geraldo Piquet. A convite do Cônego Hiran, assumiu a presidência dos trabalhos o Professor José Carlos.

Seguiu-se o seguinte programa: Discurso pela Srta. Leonor Vieira Soares representando a Pia União das Filhas de Maria; poesia "As mãos do Sacerdote", pela Srta. Maria Terezinha Soares; "Ego sum panis", magnificamente interpretado pelo Coro Paroquial; discurso pelo Sr.

Geraldo Gonçalves, Presidente da Congregação Mariana; poesias "Ele e Ela" e "Zé Bacurau" declamadas pela Srta. Myrthes Mazza; "Laudate Dominum" pelo Coro Paroquial; poesia "A lenda dos miosótis" pela menina Marly Mazza; discurso pelo Congregado Mariano Sr. Geraldo Alves de Abreu.

Antes do encerramento, o Professor José Carlos pronunciou um magnífico improviso e finalmente o Cônego Hiran usou da palavra e mais uma vez deixou impressionada a platéia com sua cultura.

Como encerramento das homenagens, foram servidos aos presentes doces e refrigerantes.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 97

Diretor Geral:

José Palmyro Masiero

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (012) 556-1192 / 556-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1.000 exemplares

A redação não se responsabiliza pelos artigos assinados

"O homem não pode abdicar de si mesmo, nem do lugar que lhe compete no mundo visível; o homem não pode tornar-se escravo das coisas, das riquezas materiais, do consumismo, dos sistemas econômicos ou daquilo que ele mesmo produz; o homem não pode ser feito escravo de ninguém nem de nada."

João Paulo II

GENTE DA CIDADE

Dona Maria Geralda

Algumas pessoas têm memória privilegiada. Armazenam um rico filão de história e fatos que, mesmo passadas mais de oito décadas, são facilmente evocados e generosamente compartilhados. Assim é a piquetense Maria Geralda Cláudio.

Nascida na casa de sua madrinha Rosina Ribeiro, em 24-04-1912. Filha de Minervina Serra e João Batista Nunes. Viveu parte de sua vida com a família do Major Carlos Ribeiro, filho do Cel. José Mariano Ribeiro da Silva, partilhando o cotidiano dessa tradicional família fundadora de Piquete.

Da sua infância guarda as melhores recordações: o casarão em que morava, na Américo Brasiliense, próximo à Av. Major Pedro, com suas altas portas e janelas, os inúmeros quartos e corredores, o salão de visita e de jantar, o escritório do Major Carlos Ribeiro, em que reuniões políticas aconteciam durante a noite: “os correligionários iam chegando na surdina um a um...”; as rixas e traições, os embates políticos entre partidários dos Ribeiro da Silva e de Luiz Relvas... as eleições...

Lembra-se do tratamento carinhoso que o Major Carlos Ribeiro e sua esposa Elisa lhe dispensavam – seus filhos estavam todos já criados e ela era o “xodó” da casa – e o ciúme que isso despertava no Cel. José Mariano, que descia até sua casa, pelo quintal, vindo do Hotel das Palmeiras, onde morava, para trazer-lhe pão, todas as manhãs. O Coronel era uma figura emblemática, parecia saída de livros de história; “...sua imagem lembrava muito Washington Luiz...”

As ruas de Piquete eram poeirentas. Não havia carros. Todos andavam a cavalo. Não havia luz elétrica. Iluminação, só com lampiões. Apenas o Hotel das Palmeiras e sua casa é que eram iluminados, com carbureto. D. Maria Geralda sente o cheiro até hoje. A luz elétrica só chegou em 1920, trazida pelo major Carlos Ribeiro.

Piquete era uma grande família, apesar das intrigas políticas. Todos se conheciam. Às tardes, sentavam-se em frente às casas.

Recorda-se, com saudades: das brincadeiras de infância, do antigo Grupo de Piquete, dos amigos, que ficaram por toda a vida, das professoras Durvalina Brito, Carlina Barbosa e Antonieta de Castro, do diretor Luiz de Castro Pinto, dos filmes



mudos no Cine Popular, em frente à antiga Matriz. As festas em Piquete eram organizadas pela Igreja. O mês de maio “... era uma beleza ímpar... havia o sorteio das casas que seriam visitadas por Nossa Senhora...”. Muito religiosa, foi filha de Maria. e participou, em 19-03-1927, convidada pelo Pe. Ascânio Brandão, para junto com D. Nica Arantes, D. América Cunha e Carlina Barbosa, e mais 13 meninas, para fundarem a Irmandade de São José.

Os momentos épicos da Revolução de 1932, com a chegada dos soldados a Piquete, o “vermelhinho” sobrevoando a cidade, a apreensão da população, a ocupação do Hotel das Palmeiras como quartel-general, o recuo das tropas constitucionistas e sua ida para São Paulo ainda estão bem claras em sua memória.

Em 1936, casou-se com José Eleutério Dias. Enviuvou poucos meses depois. Casou-se, então, em segundas núpcias, em 9-01-1947, com Antônio Cláudio, com quem teve duas filhas: Helena e Inês.

D. Maria Geralda é memória viva da história de Piquete. Com sua vitalidade, bom humor e boa vontade, deve ser aproveitada por curiosos e alunos interessados em nosso passado.

Em frente ao Hotel das Palmeiras, professora, alunos e proprietária e empregados. D. Maria Geralda é a 1ª da direita para esquerda, na 2ª fila. Foto de 20-10-1942.



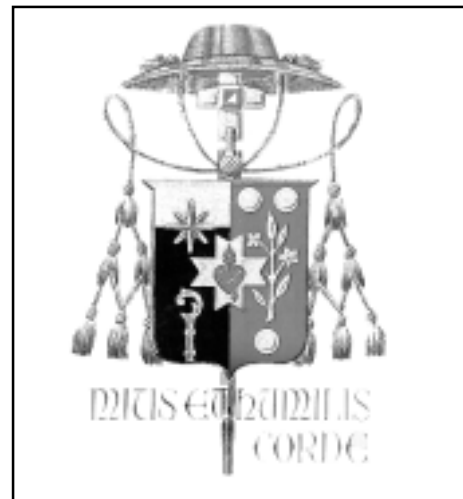
Foto arquivo Pro-Memória

Congresso Eucarístico Nacional

Realiza-se, de 19 a 22 de julho, em Campinas, o Congresso Eucarístico Nacional. Será um tempo de graças muitas para a Igreja do Brasil. A Eucaristia é o Sacramento maior da Igreja, a ponto de ser chamado “Mistério da Fé”. Nela está condensada toda a obra da nossa Redenção. Para ela converge a vida da Igreja e nela nós haurimos, continuamente, a força para repetir em nossas vidas o gesto sacrificial de Jesus. Pela Eucaristia nossa vida torna-se oferecimento e somos, cada vez mais profundamente, estreitados pelos laços da Comunhão Trinitária. A comunhão eclesial – sinal da Comunhão de eterno amor das pessoas divinas – intensifica-se pela Eucaristia, sacramento da entrega de Jesus. A comunhão eclesial, entretanto, não seria sinal da Comunhão Trinitária se não fosse, simultaneamente, abertura missionária, desejo ardente e efetivo de comunhão com os outros, com os que estão longe, porque distantes do amor e dos que sofrem, impossibilitados de participarem da vida. Muito feliz, pois, a temática do Congresso Eucarístico: “Eucaristia, fonte da Missão e Vida Solidária”. Os que se deixam tomar pela força da Eucaristia e experimentam seu significado profundo hão de se transformar em testemunhas de Cristo no coração da história, anunciando, por meio de gestos e palavras, seu inimaginável amor por todos os seres humanos. São muitos os que ainda passam fome em nosso mundo, em nosso país. Aqueles que vão à Ceia do Senhor e dela participam de verdade hão de se tornar construtores de uma nova história, em que a dignidade de cada ser humano seja de fato reconhecida. É nosso desejo que em todas as comunidades se intensifique o culto à Eucaristia; que, nos dias do Congresso, se promova, por todos os meios possíveis, uma profunda catequese eucarística de acordo com o seu tema. E que todos os católicos possam, com profunda fé e madura consciência, ouvir esse apelo: “Venham todos para a Ceia do Senhor!”

D. Eduardo Benes de Sales Rodrigues

Brasão do Bispo D. Eduardo, com seu lema: “Puro e Manso de Coração”.



Reprodução

Animadores Culturais

Messias Arantes e Maria Rosa são nossos mais atuantes animadores culturais, com participação ativa nos eventos registrados no calendário da cidade. Filhos de Piquete, retornaram à cidade para se instalar em bela casa, onde, nos dispositivos da fachada principal, os arranjos natalinos têm local privilegiado e visita obrigatória.

Presenças asseguradas nas reuniões populares, investem criatividade, tempo e dinheiro para, lindamente apresentáveis, demonstrar seu interesse pela comunidade piquetense, à qual dedicam carinho e especial atenção. Nos diferentes bairros, junto às festas das capelas, lá estão, figuras de proa, a representar, com familiares e amigos, o que de melhor temos como referências culturais. Reconhecidos por todos, são pessoas imprescindíveis, por quem a importância do evento e suas fidelidades às raízes ficam demonstradas.

Prova dessa participação é a dedicada resposta que dão aos anseios dos moradores da Vila São José em organizar festas e, particularmente, o carnaval. Messias e Maria Rosa fizeram renascer os carnavais de Piquete que já se apagavam na memória, tal a perda de força e entusiasmo que registravam, quando ausentes os animadores de então e frustrada a expectativa do povo.

Vagorosamente as articulações foram se fazendo.

Os bingos promocionais e as listas de pequenas doações contínuas lideradas por Maria Rosa providenciam as fantasias e os adereços. E uma escola-de-samba foi surgindo, crescendo, avolumando-se e empolgando. E chamando outras. O desfile na avenida concretiza esse sonho. A bateria, cada vez mais aprimorada, tem no ouvido privilegiado de Messias, o seu mentor, sua principal referência. Afinal, músico aprimorado, membro de uma das mais importantes orquestras sinfônicas do país – a Sinfônica de Campinas –, Messias pode demonstrar sua capacidade participando num dos melhores momentos desse conjunto de professores e executantes rigorosos. Não é sem motivos que um músico é selecionado e testado para participar de um corpo musical dessa natureza. Sua dedicação na organização e apresentação da Escola Unidos da Vila São José, que belamente desfila com o casal em brilhante presença, é para nós, momento de júbilo. Vestidos a rigor para o Carnaval, nos dourados e prateados das lantejoulas bem dispostas, na alegria contagiante e no entusiasmo, iluminam os que, nas idades mais adiantadas, têm reconhecidos os direitos à alegria e ao prazer sadio. Exatamente o que o Carnaval tem de mais autêntico.

Nos quadros deste mais recente desfile da Unidos da Vila São José, a bandeira do Brasil esteve alegoricamente presente, para consolidar as referências pátrias, pelas quais o local Piquete homenageava seus moradores. As baianas, tradicionais em seus babados, balangandãs, turbantes e gingados, eram um encanto à parte. Os destaques dimensionados pelo casal central, mais os mestres-salas e porta-bandeiras, as crianças em revoadas alegres, a perseguir o ritmo, e os carros alegóricos davam ao colorido da escola um sentido vital em elos de animação. A coreografia do abre-alas era um bailado



Messias Arantes e Maria Rosa em recente evento promovido pela Fundação Christiano Rosa

bem articulado. Homenageava-se a entrada de um novo milênio.

Maria Rosa, prestativa, percorre toda a escola, estimulando as danças, delas participando e oferecendo, em sua jovial presença, a abertura de luz que muitos querem ter, mas ainda não venceram a barreira da exposição pública. No mais perfeito decoro, o que fica de tudo isso é uma lição de vida. Afinal, é Maria Rosa quem, ao lado das auxiliares diretas, cria, costura, borda, arregimenta e dá alma. Incansável, deslumbra-se com a antevisão da realidade no momento desejado da realização. São etapas preciosas que Maria Rosa cultiva, ao lado de mostrar-se como a eficiente e cuidadosa dona-de-casa que o lar retrata fielmente nas flores, bordados, arranjos, artesanato e tudo o que faz daquela casa modelo admirado. Cada setor, cada canto, cada móvel em sua decoração, abre um sinal de amizade para o observador embevecido. E por isso que, no Natal, a decoração rica, variada, alegre e propriamente constituída torna-se atração turística. Ver os arranjos natalinos de Maria Rosa delicia adultos e crianças. Ninguém fica insensível à beleza do espetáculo, cada ano acrescido de novidades.

Aos animadores culturais cabe a posição emblemática de liderar, contextualizar e entusiasmar. São mestres aprimorados no fazer a felicidade ainda que construída no efêmero, como momento fugaz, mas eterno enquanto dura. Pois assim são as chamas, e estas são luzes, e como tais orientam, dão sentido e se propagam.

Há estrelas dessas luzes que se apagaram no tempo, mas têm seus lugares certos nas memórias privilegiadas dos que cultivam as tradições como forças germinadoras. Estou me referindo à Antônio Peixoto do Bloco do Indaiá, e dos velhos carnavais piquetenses, de Horácio Pereira Leite, comerciante, produtor rural, e mestre de salas de baile. Minha mãe repetia sempre a admirada referência ao bailarino excelente, o melhor de todos. E não deixarei de render uma homenagem ao grande animador cultural que foi Alberto Lessa Bastos, o Major Lessa, de tantos eventos, dos mais sofisticados, para a elite estupefata, ao mais popular, dos blocos carnavalescos.

Doli de Castro Ferreira

Homenagem à minha Escola Normal

Ao meu neto

Waldir Bittencourt de Oliveira Júnior

Eu queria transmitir em versos a beleza
Da Escola em que me formei...
O curso foi o Magistério; o diploma
Amarelado pelo tempo,
Lembra um ideal elevado!
Mas as palavras voam, os pensamentos
se perdem
Na longevidade da vida.
Até parece um "ping-pong"
De uma época querida, entre a
lembança e a saudade.
Mas eu queria fazer um poema, para
ofertar a você, meu neto,
Falando da escola por onde passei, onde
passaram meus filhos
E por onde hoje você passa também.
As palavras fogem... Que dificuldade!...
Seria a lei do tempo, ou a dor da
saudade?...

Nos caminhos da vida, quanto aprendi...
A vida é uma escola, e que
Universidade!
Nos meus pensamentos eu quero voar,
como pequena águia,
Em busca de versos, com simplicidade,
Que falem de Amor, Respeito, Lealdade.
Dos mestres, dos colegas, do
companheirismo,
Testemunho forte de Comunidade!
Paro um instante, e como a águia, que,
Numa época do ano fica toda depenada,
Escondo-me nas rochas, toda
mergulhada
Numa lembrança dolorida, na história
da minha vida.
Paro... Choro... Silêncio.
Grande angústia em mim vai crescendo,
Lembrando-me da Secretária
Eficiente, pontual, sempre sorridente,
Servidora assídua de minha Escola
Normal.

Seu nome? Eunice Gonçalves...
Oh.! que dor, que desesperança!
Uma nuvem de sangue cobre meu
pranto,
Cobre de luto a minha cidade!
O fruto das drogas, com violência,
Lhe tira a Vida, que crueldade!
Não, não posso parar,
Nas asas da imaginação eu quero voar.
A minha missão é homenagear
Com muito carinho e grande emoção,
Minha escola querida, minha Escola
Normal,
Que atravessa o tempo, de geração em
geração,
Levando o nome de um educador ereto,
Do meu Diretor: Prof. Leopoldo
Marcondes de Moura Netto.

Profª. Adelina Marcondes Banguoim



Foto arquivo Pro-Memória

Professores e alunos da Escola Agrícola "General Osório". Foto de 1954.

O Aprendizado Agrícola

Estava ocupado no Aprendizado Industrial quando o motorista do Cel. Aquino mandou-me entrar no carro porque o Coronel Diretor da Fábrica queria conversar comigo.

Espantado, sem saber do que se tratava, entrei no gabinete do Diretor, onde também se achava o Major Monte e, depois da continência do "pracinha-professor", o Cel. Aquino contou-me que a casa de um mestre da Fábrica, na Vila São José, fora invadida por dois moleques que assustaram muito a dona da casa e levaram alguns bens. E o Diretor perguntou-me repentinamente:

- Você não quer resolver este problema de menores abandonados?

Diante do meu susto, sem saber o que responder, o Diretor delicadamente completou:

- Não precisa responder agora. Pense no assunto e amanhã ou depois me dará a resposta.

Saí estarrecido. A cabeça estourando com um mundo de idéias, e a solução brotou, certamente inspirada por São José, meu protetor: só pode ser um aprendizado agrícola.

A idéia não era brilhante e foi, certamente, resultado de ter visto um ou dois meninos lidando na horta da Fábrica, sob os cuidados do Sr. Manuel e outros dois ou três na fazendinha, ao lado do Quinzinho Monte Claro.

Então o plano foi amadurecendo, seguindo os moldes do Aprendizado Industrial, que se baseara na organização do SENAI, que estava surgindo. Os alunos teriam aulas de Cultura Geral, que seria o curso primário, e Cultura Técnica, com os diversos campos de agropecuária. Fariam refeições no refeitório da Fábrica e receberiam uma pequena ajuda financeira. O plano geral foi aprovado pela direção da Fábrica, passando-se imediatamente à execução.

As aulas do curso primário foram entregues a professoras contratadas, a quem se pediu certo rigor e muito carinho. Funcionariam junto à Direção, no prédio acima da horta.

A complexidade apareceu na cultura técnica, em que os meninos aprenderiam olericultura (horta), silvicultura (plantio de bosques), pomicultura (pomar) e culturas extensivas (grandes lavouras), além de avicultura, sericultura (bicho da seda), suinocultura (porcos) e práticas agrícolas (construções). Para trabalhar com os alunos teórica e praticamente foram contratados técnicos agrícolas diplomados na Escola de Itajubá e na de Jacaré.

A fim de que se pudesse acompanhar as práticas e os alunos não fossem tratados como simples trabalhadores rurais, foi criada uma série metódica de trabalhos, pela qual passariam os meninos, com tantas horas (semanas) em cada setor. A título de exemplo, citamos: assentamento de mil tijolos, o que resultou no prédio onde se instalaram depois a diretoria, a secretaria e o almoxarifado, permitindo melhores salas para as aulas teóricas, tudo levantado pelos alunos.

Todo sábado havia formatura geral, com hasteamento da Bandeira, canto do Hino Nacional, entrega de certificados aos que tivessem concluído alguma atividade prevista na série metódica, pequena palestra do diretor, seguindo-se disputas de bola ao cesto e vôlei.

Se o início do Aprendizado foi em fins de 1942, em setembro de 1944 apareceu um aluninho do 2º ano, com uma trouxinha de roupa pendurada numa vara, pedindo para dormir na escola, porque sua mãe se juntara com um homem que o expulsara de casa. Tínhamos que socorrê-lo e, juntamente com um técnico agrícola, improvisamos um dormitório no pavilhão de sericultura, então parado, pedindo ao Contingente de Vigilância da Fábrica uma cama e roupa de cama. Em pouco tempo o internato tinha mais de vinte alunos...

Como, em outubro de 1944, o Exército deu baixa aos reservistas convocados, os "pracinhas-professores" tornaram-se funcionários da Fábrica, pois o Diretor não queria que fossem embora. Iniciaria-se aí nova fase do já criado Dep. Educacional da F.P.V.

José Geraldo Evangelista

Apagão

Celso Colombo

Não se preocupe. Você não vai encontrar neste artigo críticas ao governo, seja por negligência, falta de informação e de planejamento quanto à escuridão a que foi lançada nosso país. Frente à realidade escura em que estamos metidos, uma luz se acendeu e a parte responsável pelos arquivos em meu cérebro fez vir à tona uma antiga e conhecida filosofia chinesa. Fundamentalmente, essa filosofia, que se aplica a qualquer segmento de mercado, acredita no binômio positivo e negativo. Em linguagem simplificada, afirma que crise é sinônimo de oportunidade e de negócios. Exemplos recentes disso são: enquanto as vendas de lâmpadas econômicas disparam, uma fábrica produtora de lâmpadas incandescentes passa por enormes dificuldades; durante as fortes chuvas de verão na cidade de São Paulo, assistimos, pela TV, imagens de carros arrastados, móveis e casas destruídas, tudo pela ação das águas. Uma desgraça sob o olhar de muitos e uma alegria enorme para aqueles que consertam carros, vendem móveis e materiais de construção. Enfim, parece que a vida reforça a crença popular: "a toda desgraça corresponde uma felicidade". Assim, é só perceber e entender uma crise e dela tirar o maior número possível de oportunidades.

Mas, o que o apagão tem a ver com tudo isso? A crise de energia elétrica está tirando nosso conforto, nos faz andar por ruas mal iluminadas e, até mesmo, de certa forma, inibe nosso lazer noturno.

Pare e faça a seguinte reflexão: a quanto tempo não levanto a cabeça para admirar o céu, a enorme quantidade de estrelas e as esplendorosas noites de luar? Uma outra reflexão: com uma só TV ligada, a família reúne condições de se aproximar mais e, nos intervalos da programação, problemas familiares poderiam ser abordados. O banho mais curto está fazendo com que muitos pais pronunciem com maior frequência o nome de seus filhos. Mas o que gostaria que você, morador desta cidade, curtisse com o apagão, é a a beleza do céu piquetense. Com a iluminação da cidade reduzida, fica bem mais fácil perceber sua enorme quantidade de estrelas e, quem sabe, ser presenteado com a trajetória curiosa de uma estrela cadente. Isso é possível aqui em Piquete, porque a poluição atmosférica é praticamente inexistente e o ar que respiramos, de qualidade próxima ao da cidade de Atibaia (o melhor do Estado), só contribui para uma melhor visibilidade e observação a olho nu. Ao lado disso, noites e madrugadas claras proporcionam espetáculos maravilhosos da montanha que nos abraça, projetando, com orgulho, suas pitorescas ondulações. Assim, neste momento em que o mundo convive com muitas crises – água, energia, drogas, violência – você tem a oportunidade de se aproximar do Criador, do grande arquiteto desse universo fantástico que há milênios fascina e abriga o homem. Aproveite o apagão. Com certeza seus olhos passarão a ver este mundo sob novo ângulo, ressuscitando emoções que estavam adormecidas pelo excesso de luminosidade, de trabalho e pela falta de diálogo em sua família. Bom apagão.

O tropeirismo em Piquete

A 20ª Festa do Tropeiro de Piquete é um momento de valorização, resgate e divulgação de nosso patrimônio cultural. Reafirmamos, com ela, nossa identidade com o que temos de mais rico e original: o tropeirismo. Busca-se despertar na população o amor, respeito e orgulho por uma de nossas mais ricas manifestações populares.

O tropeiro faz parte da paisagem piquetense desde os primórdios do século XVIII, quando da abertura do “caminho de Minas” ou “caminho da serra do Itajubá”. Por ele desciam produtos mineiros à procura de mercados valeparaibanos e litorâneos, e subiam as novidades do Rio de Janeiro e além mar. Esse intercâmbio de produtos só foi possível em função do tropeirismo – fenômeno responsável pelo nascimento e desenvolvimento de muitas localidades de nosso interior e, principalmente, pelo legado cultural do qual somos herdeiros e que a população valeparaibana tem procurado preservar.

Tropeiro é o termo utilizado pela Historiografia para designar diversas ocupações ligadas ao comércio interno ou à condução de tropas de mulas no período colonial e, sobretudo, no século XIX. O carregamento de mercadorias em lombo de mulas tornou-se a principal forma de transporte terrestre a partir do povoamento do interior. Foi a tropa de muare, silenciosa e heróica, varando sertões, atravessando ravinas, vencendo matas compactas, que assegurou e manteve a circulação de produtos e mercadorias entre as regiões mais longínquas e os centros de consumo e de exportação do litoral.

O tropeiro era tudo: transportava mercadorias, materiais, produtos, valores, correspondências, dinheiro, jornais, encomendas e pessoas. Foi o transmissor de recados políticos, o leva-e-traz das cartinhas amorosas, o disseminador de notícias e boatos. Ouvia as coisas do sertão e as transportava para a Corte. Trazia dela para o interior as novidades, às vezes bem velhas. Nesse permanente trabalho, embora inconsciente, contribuiu para o desenvolvimento econômico e social dos diferentes brasis. Quando da introdução e expansão da cultura cafeeira no Vale do Paraíba, cresceu o número de tropas de mulas que foram fundamentais para o transporte do café para os portos litorâneos. Com a chegada da linha férrea, elas levavam a produção das lavouras até as estações de embarque. Sem o lombo do animal cargueiro não teria ocorrido a civilização do café.

Piquete nasceu e desenvolveu-se às margens do poeirento caminho de Minas, sonorizado pelo tilintar das mulas tropeiras que, diariamente, arranchavam nos inúmeros pousos nele existentes.

Ainda hoje, por nossa zona rural, ou transpondo a Mantiqueira, nos deparamos com tropas. Temos o turismo histórico-cultural como alternativa para o desenvolvimento e geração de empregos para Piquete. É preciso empenho de nossa sociedade na valorização desse nosso patrimônio. A “casa do tropeiro” é local onde se encontram rodas-de-viola, contadores de causos, comida típica e café tropeiro. Poderá ser, também, local para que os alunos do Município recebam aulas sobre esse importante ciclo da história de Piquete, do Vale do Paraíba e do Brasil.

Tropa de mulas, ferramenta de trabalho ainda largamente utilizada nos caminhos íngremes do município de Piquete, no transporte de produtos da zona rural, fotografada no “Revelando São Paulo 99”.



Foto arquivo Pro-Memória

Crônicas Pitorescas

Sopitar vale, apelar não.

Palmyro Masiero

Sei que a palavra sopitar não é muito engraçadinha, ao contrário, mas ela diz bem do dramalhão levado a efeito no Cine Estrela do Norte em 3 de maio de 1948. Todo mundo refreando as lágrimas e suspiros diante das agruras por que passava o “preto velho” na apresentação da peça em um ato, de J. Seromenho, “O Escravo”.

A direção foi do Senhor Antenor Figueira, que, também, magistralmente, representou o personagem que nomeia a peça, sob o pseudônimo de Fernando Gonzales. Uma interpretação antológica. Outra brilhante performance foi a do Sr. José Osmar Damico, como empregado da fazenda onde se desenrolou a patética história. E Elvira, espécie de sinhazinha mimada, vivida por Vonir Gomes que, sem dúvida, teria uma grande carreira na ribalta se persistisse. Esplêndida.

Falta um personagem: reparem – fazenda, empregado, sinhazinha, escravo... Alguém está faltando nessa história. Ai, turma esperta: o “senhor de escravos”, o dono das terras, o “coronel” fazendeiro. Justamente com esse que completava o elenco foi que a platéia se revoltou. Esqueceram-se de que ele apenas dramatizava uma figura criada pelo autor e levaram sua interpretação como personalidade real. Depois conto o resto.

Como a peça era de um só ato, tivemos ao seu término um variado, pois, após um drama cruel, nada melhor que um show para melhorar o astral. Creio que muitos dos artistas já nem se lembrem daquela noite. Vamos reavivá-los: duplas João Rodrigues e Batatinha, Judith Uchôas e Maria Aparecida Chaves, Benedito Magalhães e Irio Ribeiro dos Santos, José Carlos e D’Aléssio, Maria Aparecida Alves, Diná da Encarnação, Wilson Ferreira do Vale, e os irmãos Vicente e Geraldo Lemes. Arrancaram calorosos aplausos. Sem piquetada, todos brilharam.

Agora vou contar quem era o danado do “senhor de escravo”. Muita gente da platéia, desconhecendo a linguagem teatral, revoltada, vendo o realismo do personagem, cruel, prepotente e de uma maldade sem fim para com o escravo, pretendia descer o cacete no “coronel” depois do espetáculo. Felizmente o ato variado abrandou os ânimos. Afinal, quem estava representando era uma pessoa meiga, querida na cidade, de um coração boníssimo, jamais podendo ter uma índole daquela.

Pois esse artista magistral, creiam ou não, foi nosso querido Professor Jouracy Faury.

Plano Diretor – Manual de Orientação

(continuação do número anterior)

O que é diagnóstico?

O diagnóstico da sociedade e do Município é a descrição crítica da situação encontrada. Ele reproduz a compreensão que os autores do Plano têm daquela realidade, da sua dinâmica e de suas potencialidades.

Ele poderá reunir dados e conclusões: físicos, sócio-econômicos, de infraestrutura, equipamentos, serviços e de estrutura administrativa.

Este diagnóstico, por representar o retrato da cidade, deve apontar para as potencialidades, as forças em disputa, os agentes e seus interesses que poderão “puxar” a cidade para transformá-la, em um ou outro sentido.

A conclusão do diagnóstico deve ser sempre precedida de uma boa discussão, permitindo que pessoas opinem sobre as conclusões preliminares dos autores do Plano.

A etapa seguinte é a previsão de algumas tendências, ou seja, **o prognóstico**.

A cidade poderá crescer para o sul ou para o norte; poderá aumentar esta ou aquela atividade; sua população infantil poderá aumentar ou diminuir, piorando ou melhorando a relação com a disponibilidade de bancos escolares, leitos hospitalares etc.

O prognóstico não significa proposta. Apenas aponta tendências, riscos e potencialidades espontâneas.

A exposição do prognóstico é outro momento propício para um debate público, seja para conscientizar os participantes sobre os riscos e potencialidades no futuro da cidade.

Antes de expor as Diretrizes do Plano, é preciso propor e debater **o que queremos da cidade, do município e do futuro**.

A partir das diversas hipóteses espontâneas, os autores do Plano devem propor o debate. Deverá ser a cidade um local de prestação de serviços, caracterizar-se pelo aumento de sua produção industrial ou agrícola? Deverá maximizar a preservação do patrimônio ambiental e histórico e caracterizar-se pelo serviço de turismo e lazer? Deverá verticalizar-se e expandir menos?

Nem todos os objetivos podem ser perseguidos com igual intensidade. É preciso escolher o que mais queremos ou o que queremos primeiro - isto é priorizar.

A partir desta etapa, o Plano deve descrever as diretrizes que orientarão a Prefeitura, os órgãos públicos, a empresa privada e os cidadãos em geral.

O que são as diretrizes do Plano?

O Plano descreverá a cidade e o município em cenários futuros determinados, por exemplo, para quatro, oito e dezesseis anos. São horizontes temporais. Para alcançar esses cenários futuros é preciso executar uma série de tarefas (obras públicas, privadas e ações de interesse público). As diretrizes descrevem essas tarefas: como elas se articulam entre si e como se distribuem no tempo; dizem também quem são os agentes executores das tarefas: a Prefeitura, o Estado, as empresas privadas, parcerias, e etc. Em seguida, o Plano estabelece a distribuição das atividades da população por meio do zoneamento do solo urbano e rural. Nas zonas urbana e rural deverão ser fixadas áreas de preservação ambiental e cultural. O sistema viário deverá ser traçado de forma a estabelecer uma malha que hierarquize vias expressas que interligam bairros e locais. Ao estabelecer a malha viária no Plano, deve estar prevista a distribuição do transporte e espaço para estacionamento e pontos de embarque.

As diretrizes distribuem os equipamentos: escolas, campos esportivos, postos de saúde, oficinas de arte e cultura, praças, habitação e estabelece a posição das grandes redes de infra-estrutura (drenagem, abastecimento de água, eletricidade, coleta e tratamento de esgoto). Descrevem e quantificam os serviços públicos propostos, para atender a população em cada horizonte de tempo, nos setores de lazer, cultura, comunicação, limpeza pública, segurança, assistência social, etc.

O Plano determinará a manutenção e o alcance de cada um dos serviços e as responsabilidades por promover a sua operacionalização.

Como implantar as diretrizes?

Para que a cidade e o município construam o cenário futuro proposto é preciso que as diretrizes sejam amplamente debatidas, a fim de obter um razoável apoio da população. Em seguida, é preciso uma lei do Plano Diretor, na qual se estabeleçam os objetivos e os critérios das diretrizes, inclusive das zonas de uso do solo. Esta lei deverá vincular o orçamento plurianual e o orçamento programa à gradual implantação das diretrizes do Plano; preverá a forma e períodos de revisão das diretrizes. Além dessa lei, é preciso que o orçamento a ser apresentado à Câmara faça referência e verse sobre as prioridades do Plano, vinculando dotações orçamentárias às diretrizes e obras especificadas no Plano.

Para implantar as propostas do Plano, a Prefeitura deverá preparar leis específicas, tais como uso do solo, código de edificações, programas setoriais de saúde e educação, etc. As leis complementares poderão ser indicadas pelo Plano Diretor.

Finalmente, a administração municipal deverá ter um **Sistema de Planejamento** encarregado de acompanhar a implantação das diretrizes e de preparar e gerir o orçamento, distribuindo verbas de acordo com essas diretrizes. Este sistema terá estrutura adequada, podendo ser desde uma Assessoria de Planejamento, Departamento e até uma Secretaria Municipal. Em todos os casos é conveniente a participação de setores organizados da população. Seja qual for a forma adotada, terá a função de detalhar o Plano, aperfeiçoar a compreensão da dinâmica urbana e preparar correções e revisões do Plano, dando apoio ao Executivo e ao Legislativo e informando os cidadãos.

Quem faz o Plano?

Nas cidades que já possuem um Sistema de Planejamento bem estruturado, as tarefas de elaboração do Plano poderão ser realizadas pelos técnicos. A Prefeitura também poderá montar uma equipe mista com seus técnicos e consultores externos. Outra solução será a contratação de especialistas, que submeterão o trabalho à Prefeitura e à Câmara, para as decisões finais.

Arq. Ana Maria de Gouvêa

Praça da Bandeira, no centro de Piquete.



Trecho do Ribeirão Piquete, que necessita de Saneamento Básico.



Trecho da Av. 15 de Março, importante via de ligação em Piquete. Ao fundo, o pórtico da FPPV.





Em frente à antiga matriz de São Miguel, soldados constitucionalistas de 1932. Ao centro, o então Prefeito de Piquete, Sr. Antônio Pelúcio.

9 de Julho

Entre as efemérides deste mês de julho, uma é muito grata aos paulistas orgulhosos de suas tradições. É a de 9 de julho, comemorativa da Revolução Constitucionalista, acontecimento marcante da data de 9 de Julho de 1932.

O cone leste paulista, em cuja região nos encontramos, esteve envolvido no movimento e dele fez parte por sua posição geopolítica fundamental de encontro de três fronteiras estaduais – limites de estados-chave da União por suas condições econômicas.

O jogo de interesses gerado pela produção cafeeira havia criado um movimento pendular entre essas três peças importantes e, na posição de centro catalisador, justificava uma hegemonia eleitoral que incomodava outros blocos regionais. Os gaúchos comandados por Getúlio Vargas e outros descontentes impuseram uma nova ordem revolucionária contra o presidente eleito,

Washington Luiz. Vargas subiu ao poder pela força das armas em 1930 e, instalado em um governo provisório, adia a elaboração de uma nova Constituição. Foi contra esse posição que se rebelaram os paulistas em 1932. São Paulo acabou fazendo sozinho a revolução e depois de muitas lutas, perdas e prejuízos, assinou a rendição a 2 de outubro de 1932. O comunicado de encerramento terminou com as palavras de que São Paulo cumprira seu dever e tudo fora feito pelo Estado e pelo Brasil. O fato das Forças Armadas estarem ao lado do Presidente Vargas fez com que a Fábrica de Piquete fosse tomada e arbitrada pelo governo federal. Os piquetenses sofreram muito, num capítulo que merece ser melhor explorado. Por razões estratégicas, esse capítulo foi, convencionalmente, esquecido. E hoje, apenas uma pequena, mas romântica praça registra a memória do evento.

Dóli de Castro Ferreira

Exposição Fotográfica e Lançamento de Livro

A FCR promoveu, em comemoração ao aniversário do Município, no dia 09 de Junho, no Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa”, a abertura da exposição fotográfica “Um olhar sobre a Mantiqueira”, de Frank Ferrer Sene. As imagens foram enriquecidas com a análise poético-semiótica de Dóli de Castro Ferreira, que fez um passeio encantado pela nossa geografia.

A exposição ficou em cartaz por vários

dias, recebendo a visita de alunos, professores e a comunidade, sendo alvo de vários elogios.

Piquete também foi homenageada com o livro “Narrativas Piquetenses”, de Wanderley Gomes Sardinha. As apresentações e prefácio do livro foram de Dóli de Castro Ferreira, Francisco Máximo Ferreira Neto, Marlene Sardinha e João Gomes Sardinha.

Presenças ilustres: os Profs. José Geraldo Evangelista e Lutgardes de Oliveria (4ª e 5ª da esq./ dir.), juntos com a diretoria da FCR.



Os artistas da noite: Wanderley Sardinha, Dóli de Castro Ferreira e Frank Ferrer Sene.



Notas da Cidade

□ A FCR promoveu, no dia 30 de junho, na Fazenda Santa Lydia, concorrida festa junina. Uma quadrilha improvisada animou ainda mais a noite, que teve como ponto forte comidas, bebidas e decoração típicas. Idealizada para angariar fundos para a FCR, o evento contou com grande número de pessoas. A FCR agradece a todos que colaboraram para a organização, trabalhando voluntária e incansavelmente.

□ A FCR recebeu, no Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa”, alunos da Faculdade de Turismo da UNISAL, de Lorena, para uma palestra sobre a história do Município. Os alunos passaram dois dias em Piquete, a convite da Prefeitura Municipal, acompanhados pelo Presidente da FCR, Paulo Noia de Miranda. Realizaram visitas e entrevistas na cidade e na zona rural do município, visando a um trabalho sobre Turismo sustentado em nossa cidade.

□ “O ESTAFETA” passa a contar, a partir deste número, com artigos do Revmo. Sr. Bispo Diocesano de Lorena, D. Eduardo Benes de Sales Rodrigues. A FCR, honrada, agradece a colaboração, reconhecimento da qualidade dos serviços que vem prestando com seu Informativo.

□ O dia 15 de Junho, 110º aniversário de emancipação político-administrativa de Piquete, foi comemorado com grandioso desfile cívico, que contou com a participação de representantes de todas as escolas e diversas entidades e associações de bairro do Município. Parabéns aos participantes.

□ No dia 13-06, o diretor deste informativo, Prof. José Palmyro Masiero, foi o orador da Sessão Solene em comemoração ao 110º aniversário de emancipação político-administrativa de Piquete. Em breve discurso, fez uma síntese da história de Piquete, apresentando seus diferentes aspectos culturais, desde a condição rural, passando pela Fábrica de pólvoras, até a necessidade de construção de uma nova identidade para nosso município.

□ O Rotary Club de Piquete e a Paróquia de São Miguel estarão promovendo, no dia 24-07, no Salão Paroquial, às 19h30min, palestra sobre “Drogas”, a ser proferida pelo médico e deputado estadual Luiz Carlos Gondim. Entrada franca.

□ A Prefeitura Municipal de Piquete assinou convênio com a Secretaria de Meio Ambiente do Estado de São Paulo, para a criação de aterros em valas de lixo doméstico. O convênio, que contemplará 87 municípios do Estado, e é destinado a cidades com no máximo 25 mil habitantes e que produzam até 10 toneladas de lixo por dia. A assinatura contou com a presença do Prefeito Municipal e do chefe de setor de meio ambiente da Prefeitura.